

**ÜBER DEN UNTERSCHIED ZWISCHEN ANNALEN UND HISTORIE (1828)  
SOBRE A DIFERENÇA ENTRE ANAIS E HISTORIAL**

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p131-141

Barthold Georg Niebuhr<sup>1</sup>

Tradução: Pedro Paulo Devescovi Parreira\*

Revisão técnica: Henrique Gerken Brasil e Karen Macknow Lisboa

**NOTA DO TRADUTOR**

O ATUAL esforço de tradução se deparou com a recorrente dificuldade na transposição para a língua portuguesa das palavras ‘Historie’ e ‘Geschichte’, geralmente acuadas sob o *umbrella term* ‘história’ – porém, em escala largamente amplificada: a quantidade de ocorrências de ambos os termos impede que seja adotada a solução típica, nomeadamente, de transcrição dos originais em colchetes no corpo do texto. Logo, na impossibilidade de encontrar uma saída usual e satisfatória e que não prejudicasse a fluidez da leitura, o tradutor optou pela adoção de um novo vocabulário que tentasse dar conta dos três sentidos abarcados por ‘Historie’ e ‘Geschichte’:

história-fato (*Geschichte* como coletivo singular) segue como “história” – a totalidade histórica dos acontecimentos temporais;

---

<sup>1</sup> N. do T.: Uma breve nota a respeito do autor. Barthold Georg Niebuhr (1776-1831), nascido em Kopenhagen e filho do afamado explorador alemão Carsten N., pertence a uma geração de historiadores alemães, dentre eles Eichhorn, Savigny e Wachsmuth, que amadureceu logo após as turbulências da Revolução Francesa e teve o pico de produção nas décadas de 1810 e 1820. Como colocou Dilthey, o historiador em questão abarcava tudo de criativo que representava a nova escrita de História, mencionado costumeiramente dentre os nomes fundadores da metódica da ciência histórica moderna e mostrando-se inclusive como um arquétipo do intelectual e gênio schopenhaureano – seu talento evidenciado, por exemplo, pela fluência em nada menos que vinte línguas antes do 30 anos de idade. Após estudar Direito, Filosofia e História na Universidade de Kiel, Niebuhr construiu uma carreira de sucesso como consultor financeiro e diplomata, sendo convidado já em 1810 pela recém-fundada *Humboldt-Universität zu Berlin* a ministrar os cursos em História Antiga que mais tarde dariam forma ao seu *magnum opus*, *História Romana* (1811-1832). Após anos de turbulência pessoal, a Universidade de Bonn ofereceu-lhe espaço para lecionar, conquanto sem nunca se tornar professor nem membro da faculdade, até sua precoce morte seguinte a um resfriado. Niebuhr não produziu um *corpus* extenso e monolítico de trabalhos, mas seus fragmentos, dispersos entre artigos, cursos e cartas, amontam também a um grandioso todo: Dilthey o eleva, Ranke à parte, ao posto de maior gênio histórico já produzido pela Alemanha.

\* Graduando em História pela Universidade de São Paulo.

história-narrativa (*Geschichte* como singular específico) tomou o vocábulo “historiação”, assim como o adjetivo derivado “historiático” – uma proposta entre a história e a historiografia, a nova categoria foi construída a partir do verbo “historiar”, sendo a historiação, pois, o ato de organizar narrativamente os fatos históricos;

história-livro (*Historie* como gênero literário) assumiu, por sua vez, o termo “historial” – como uma dentre as inúmeras formas de historiação.

No caso de obras específicas mencionadas no texto, foi mantida a sua denominação tradicional e estabelecida de “História(s)” e/ou “Anais”, sinalizada pela capitalização.

Nomes próprios latinos e gregos foram aportuguesados, na medida em que as grafias alternativas foram encontradas em uso na historiografia.

O tradutor assume completa responsabilidade pelas eventuais falhas e insucessos em sua tentativa algo neologista e quixotesca.

### **SOBRE A DIFERENÇA ENTRE ANAIS E HISTORIAL**

A definição desses dois títulos de livros historiáticos é sabidamente uma das tarefas lexicais que Gélío (V. 18) tentou resolver mais com erudição do que com prudência. Ele poderia ter sido levado a isso pelas páginas de Vérrio Flaco: não obstante, não seria completa sofistaria conjecturar que a indução tenha surgido da vida presente. Da maneira como ele menciona o XIX. 8. de Frontão, deve-se supor que esse não estava mais dentre os vivos quando o bem-disposto filólogo expandiu e renovou seus excertos até torná-los tratados atraentes: naquela época, Lúcio Vero havia retornado da Guerra Parta: em seguida também eclodiu uma inundação de livros historiáticos, provocada por aquela guerra. Deve ser dito que escritores latinos tinham inteira participação nessa inundação: e desses, alguns prefeririam intitular seus trabalhos anais, outros historiais, sem que eles próprios ou os leitores soubessem de um motivo para tanto. Contudo, eu também não vejo por qual razão se poderia duvidar que Gélío tivesse atentado para os escritos de Tácito: pois, quanto ao fato dele nada citar desses escritos, isso resulta do conteúdo e da

essência das Noites Áticas. Justamente, ambas as obras de Tácito, levando aqueles títulos, podem já naquele tempo ter provocado a questão, que diferenciação deve ser representada através disso? E era da natureza de suas investigações que ele buscasse a opinião de outrem a respeito das palavras, não explorando o sentido de Tácito [*Tacitus Sinn*<sup>2</sup>].

Tal pergunta é frequentemente renovada desde a criação das ciências [*Wissenschaften*], e a solução experimentada é, no mais das vezes, aquela apresentada por Gélio e depois por meio de uma declaração de ar muito determinado em Sérvio (ad Aen. I. 373.). Isso tudo é conhecido demais, também óbvio demais, para valer a lida de ser escrito aqui; mas, é bem verdade, não é descabido demonstrar o motivo pelo qual essa solução não pode ser suficiente.

Queremos pôr completamente de lado o fato de que Semprônio Asélio pretendia que suas memórias fossem algo melhor que os anais, que apenas noticiavam eventos de guerra e triunfos; nada saberiam sobre as origens dos acontecimentos, emudeceriam sobre os rumos da administração e os propósitos das leis. Contudo, os Anais dos Pontífices não poderiam ser diferentes: também o sábio Coruncânio não pôde escrever de outro modo: quem quererá, a partir de painéis dispostos em público, avaliar o Senado e as Tribunas de acordo com a laudabilidade e sabedoria de suas ações? Mas não se pode questionar, por conta dessa austeridade dos antigos anais, a pertinência do título daqueles de Tácito e de suas profundas intuições.

Afinal, como o próprio Gélio bem compreendeu, toda história organizada a partir dos anos pode, em sentido amplo, receber esse título de anais; agora, não se pode extrair disso que um historial, como o de Tácito, não atente para aquela organização, tanto quanto que uma narrativa dividida a partir dos anos necessariamente pertença, em um sentido distintivo, aos anais, ou também que possa ser classificada dessa maneira sem nos ferir o tato para a significação das

---

<sup>2</sup> N. do T.: Niebuhr parece fazer aqui um trocadilho, aproveitando-se da grafia alemã do nome de Tácito [*Tacitus*]; em latim, ‘*tacitus*’ também constitui o particípio perfeito do verbo ‘*taceo*’, ‘não falar’. De que advém a palavra da língua portuguesa ‘tácito’. Portanto, a passagem poderia ser alternativamente traduzida como: “que ele buscasse a opinião de outrem a respeito das palavras, não explorando o seu sentido tácito.”

palavras. Os Comentários de César não são anais, embora livros e anos sejam correspondentes.

A história foi transmitida desde tempos imemoriais de maneira dupla. De um lado, progressiva; por meio do registro do acontecente [*des Geschehenden*<sup>3</sup>], sob os anos nos quais ocorreu; isolada, sem ligação com o passado, sem preparação para o futuro; o que ocupa algum lugar no presente, sem alguma consideração a respeito de que tipo é, nem de quão cedo se tornará de todo indiferente. Do outro lado, por meio de narrativas abrangentes, cujo objeto está completo e terminado: essas não necessitam de determinação temporal, ao menos não uma pormenorizada, e a rejeitam assim que esta atrapalha: elas excluem tudo o que se liga apenas sincronicamente ao seu conteúdo; mas, por conectar tudo aparentado internamente, elas se adornam então com episódios para os quais aqueles registros não têm lugar. Esses últimos se resumem a homens, povos, cidades, apenas para enumerar, porque aquilo sobre o que elas falam é tão familiar aos concidadãos e contemporâneos, somente para os quais elas são escritas, quanto aos seus autores: narrativas, não obstante, descrevem e esclarecem, para que os ouvintes tenham perante a alma, clara e presentemente, o distante, o passado, o desconhecido.

Aqueles registros são anais ou crônicas: as narrativas talvez não tenham no uso da língua um nome tão definido, porém eu posso excepcionalmente recorrer à denominação de historiais. Apenas na origem são as duas formas historiáticas resolutamente opostas: elas eram então separadas por um vasto campo árido: como, no entanto, a literatura se desenvolveu a partir de ambos os lados do terreno, elas se aproximaram, e as fronteiras se tornaram incertas. Crônicas se erguem de quando em quando como um historial vivaz, se desenvolvem e se esclarecem até mesmo em episódios; apesar de restringirem cada narrativa meticulosamente ao raio de um ano e de amontoarem coloridamente o insólito síncrono: em contraposição, um historial de fato e de direito, como o de Tucídides e o de Políbio, também observa as secções de anos com muita precisão. Ele exclui

---

<sup>3</sup> N. do T.: ‘*geschehend*’ representa o particípio presente do verbo ‘*geschehen*’, ‘acontecer’, ‘ocorrer’. Substantificado, ‘*das Geschehende*’; em português, ‘aquilo que acontece’, ‘o acontecente’.

apenas o estranho, registros vazios, tudo aquilo que completamente isolado interessa ao presente, tão forçosamente quanto o poema épico.

Em todo lugar ele começa como uma espécie desses poemas, e então o passado distante é o seu território. Mas, com o tempo, os atos dos antigos antepassados se tornam alheios aos descendentes eruditos, transformados, pretensamente enobrecidos: ao contrário do presente, quanto mais claro, então também muito mais importante do que parecia aos antecedentes; assim ele provoca a representação para quem está distante e para os sucessores. Leva tempo antes que surja um homem a contemplar grandes eventos para historiá-los quando o movimento tiver alcançado o seu objetivo. Uma narrativa da qual ninguém exige fiabilidade pontual, que trata livremente o conteúdo preservado de uma história, feito descrições desse mesmo conteúdo em um quadro, faz-se grosseiramente qual um poema saído de um sonho mitológico: e, por outro lado, tão completo e rico como o próprio oposto: o genuíno e diligente reflexo de um tempo profundamente apreendido, vivenciado. Mas se alguma vez nós tentarmos conscientemente narrar os tempos de nossos pais e avós, fidedigna e detalhadamente, então faltarão as cores, as silhuetas se tornarão dúbias; ficamos sem a segurança do convencimento que conduz a vivência<sup>4</sup>, e essa, mesmo que também erre, produz algo inteiramente diferente daquilo que a indecisão incrédula possibilita. Não que, armado de rica experiência, aquele que tenta entender e retorquir não possa lograr: no entanto, caberia muito mais escrever sobre Jugurta do que sobre Catilina.

Uma ideia dessa condição de historiação vivaz está na base da definição de Sérvio: *historial* seria a historiação de tempos vividos: apenas é erroneamente inferido por oposição que os *anais* seriam, pois, aquela do passado mais antigo, e a obra *historiática* de Lívio consistiria de *anais* e *historiais*. Também, aquela explicação talvez tenha satisfeito a maioria: nomeadamente, Gronovius se explica dessa maneira: sim, até Grotius deve tê-la tomado por certa e única. Porque ele divide sua

---

<sup>4</sup> N. do T.: “*welche bey dem Erlebten die Hand führt*”: Niebuhr deixa esse trecho ambíguo, podendo o dativo do participio passado ‘*dem Erlebten*’ vir tanto de ‘*das Erlebte*’, ‘o vivido’, ‘a vivência’, quanto de ‘*der Erlebte*’, ‘a testemunha’. A frase poderia ser interpretada como “a segurança do convencimento conduzida pela testemunha”.

História dos Países Baixos em anais e historial, e começa esse último no tempo de seu nascimento: muitas vezes nos anais ele sequer separa os anos, muito menos os nomeia na narrativa, de modo que o leitor, se não houvessem os números escritos às margens, não saberia onde ele se encontra no tempo: ao todo, das outras particularidades dessa forma de historiação para a qual Tácito atentou não se encontra qualquer traço; a unidade da agitação e da indignação neerlandesas expulsa todo o resto.

A definição de Sérvio é construída, no geral, da maneira como Grotius aqui divide, a partir daquelas que ela substituiu: e aquele grande homem certamente, na ordenação da sua esplêndida obra, não se teria deixado fiar em autoridade, se seu espírito mais esclarecido não tivesse dado testemunho de que a posição fosse verdadeira. E, sem dúvida, o tempo da própria observação e percepção começa primeiramente com a juventude madura, e a infância não somente é menoridade, ela mal se apercebe da miséria generalizada, e a esquece rápido. Mas eu penso que os eventos globais dos quais se recorda, como apenas em um sonho, de ter sido seus próprios enquanto eles se desdobravam, em direção àqueles que aconteceram antes do seu nascimento, são diferentes para cada um, como essencialmente de outro tipo: nós pensamos naqueles como relativos a nós, os outros nos são alheios: nós medimos o momento e a duração daqueles coloridamente nas nossas vidas: esses pertencem a um período para o qual nossa fantasia não tem medida. Para aqueles, tal determinação dá sua própria vivacidade àquilo sobre o qual nós ouvimos ou lemos mais tarde: e com certeza àquilo que se vivenciou na idade de garoto, na qual quem é chamado a compreender os eventos globais é tomado por paixão ou ódio de nomes que eram certamente vazios ao olhar infantil: mas justamente apenas o entendimento qualificado é protegido da força fascinadora desses nomes.

No entanto, assim que ela servir de definição geral, a explicação não basta. Afinal, onde se incluiria o Jugurta de Salústio, cuja composição se opõe deliberadamente à forma analista? e, no mínimo, a metade maior das Histórias de Heródoto? mesmo também que, com a probabilidade de que ele de fato já tivesse

nascido à época da campanha de Xerxes, uma parte se permitisse resgatar. Em contraste, os Anais anuais dos Pontífices, ao mesmo tempo todos crônicas, se transformam em historiais.

Se os últimos livros de Tácito, aqueles nos quais se conta da tirania de Domiciano, tivessem chegado até nós, então seria óbvio como ele tratou de um mesmo período, aqui em anais, ali em historiais: aquele tempo, conectado aos últimos dos livros sobreviventes, não permite comparação com aquele de que reportam os Anais.

As Histórias eram a história dos Flávios: elas não começam com a queda de Nero, mas com a rebelião das legiões germânicas, por conta da qual se precipitaram os eventos que incitaram Vespasiano a se esclarecer. Aqui há, portanto, unidade épica: e bem era uma história sem grandes homens, mas inicialmente cheia de eventos violentos, os quais se inculcaram profundamente na tenra alma de Tácito. Tal jovem era certamente um fervoroso apoiador de Vespasiano, enquanto fosse válido exterminar os monstros nerônicos, e eliminar a depravação de Vitélio; e, na sombria realidade da abastionada administração, com certeza ficou claro para ele que, apesar de tudo, dever-se-ia agradecer aos céus por se ver livre daquele tempo: pois, mesmo que Domiciano por fim exercesse semelhante tirania, a época era algo melhor; era tornada sóbria da embriaguez da imoralidade. Para essa história, Tácito não precisava nem procurar a forma em teorias, nem tatear atrás de um nome: ambos advinham de si mesmos.

Quando sua obra estava então terminada, ele pode ter sentido um vazio e desejado criar outra: e as pessoas da culta e distinta sociedade, que nós conhecemos muito expressivamente das cartas do jovem Plínio, sem por elas ansiar, não se terão absterido de desejar e pedir que o grande homem que viveu no seu meio não se tornasse ocioso, que ele escrevesse outro historial. Enquanto Trajano vivesse, Tácito não poderia querer narrar aquela outra história que ele tinha reservado à sua velhice: ele se decidiu por aquela do meio século da morte de Augusto até o começo de seu historial.



Caso ele não a tivesse terminado, então ele poderia tê-la separado das anteriores tão pouco quanto Lívio pôde. Mas, para unir as duas, o início do historial teria de ser arruinado e alterado: talvez algumas passagens isoladas, e sem motivo. Muito antes, o que aconteceu, de se tornarem dois trabalhos separados, foi afinal o mais apropriado.

As dificuldades que eram um obstáculo à narrativa historiática de tempos passados eram de fato insuperáveis para a época de Tibério. Este conseguiu, assim que Germânico deixou a Alemanha, colocar o mundo em inatividade e estarrecedora imobilidade, e espalhar por ele um silêncio sepulcral: a história se restringiu à sua própria, àquela da sua funesta casa, à ruína das vítimas de sua tirania, e à servilidade do Senado. No árido silêncio, estremecemos-nos, e sussurramos: tudo é escuro, velado em segredo, dúbio e enigmático. Morreu Germânico envenenado? era Piso culpado? o que o levou à loucura de suas violências? morreu o filho de Tibério com veneno, Agripina assassinada? isso tudo era tão incerto para Tácito como o é para nós.

Para a historiação do reinado de um déspota, quando esse reinado não calha em tempos de grandes eventos, nos quais a personalidade desse déspota se torna insignificante, a forma mais apropriada é a biografia; para o que também levou a essência do assunto de Suetônio e de seus sucessores. Mas talvez Tácito não pudesse superar a dor de diminuir a história de Roma, na representação como na verdade, a uma pequena parcela da história de vida não somente de um tirano abastardado pelo vício, que era mesmo assim nascido para grandes e saudáveis coisas e não fizera pouco, mas de um desastroso e maligno parvo e de dois monstros. Pela unanimidade dos antecessores, que parecem ter escrito aquele período consistentemente como anais (*omnes annalium scriptores*, contra os quais se opuseram apenas as memórias da Agripina Menor: Ann. IV. 53.), essa forma pôde alcançar tamanho prestígio para a compreensão daquele período que o espírito livre de Tácito também se decidiu por ela sem muita especulação. Se ele tivesse chegado à concretização da ideia de escrever a historiação de Augusto após o término dos Anais, então eu não duvidaria que ela fosse narrada na forma de biografia. O trecho



no qual ele fala de seus planos aponta evidentemente para um historial completo, não algo como uma continuação daquele genérico de Lívio, cujos últimos livros, uma obra da maturidade, desfizeram-se em extensão descomedida; que também frequentemente não podiam resvalar no mais importante, como o próprio soberano sempre registrava pesarosamente aquilo que a nobre alma exprimia e silenciava. Tácito começara como escritor historiático com uma biografia; com outra ele teria então acabado. Pois ele nunca levou a história de Trajano a sério.

Para quem lê agora os Anais desde o começo, é impossível não reconhecer neles o caráter daqueles anais que levavam originalmente o nome; e não por acaso, mas feito com o maior esmero; simplesmente com a diferença como entre uma Madonna de Cimabue e uma de Rafael. Cada ano é separado rigidamente, de modo que o escritor se nega explicitamente a mencionar, de acordo com a motivação, aquilo que teria encontrado sua posição verdadeira antes do tempo no qual ocorreu (Ann. IV. 71.): o curso de acontecimentos mais longos é sempre cortado pela passagem de ano. O mais peculiar é apontado sucessivamente ao longo do ano, muitas vezes o mais irrelevante, mas o que era então sempre interessante aos contemporâneos; muito do que seria destinado a um lugar em um episódio no historial dos romanos e do Império, contando que não tivesse sido de todo excluído. Essa multiplicidade é posta em sequência sem qualquer ligação: toda relação é, antes, evitada. Do mesmo modo propositadamente o mestre artístico observa o caráter próprio do registro e protege a sua diversidade da narrativa panorâmica. Nisso, ele informa os acontecimentos apenas parcialmente; logo exclui o que o leitor possa projetar, logo escava o pontual daquilo que completo teria um escopo largo, porque ele se esquiva da prolixidade. Ele busca luz tanto mais forte para lançar sobre as partes selecionadas: esse componente dos anais assemelha-se à Igreja de São Pedro na iluminação da cruz, na qual a maioria das partes do edifício jaz invisível e na escuridão, na qual outras são ainda mais realçadas pelas sombras demarcadas: podemos pensar no historial como quando a luz do sol cai ali através da grande janela da tribuna, e tudo aparece como em pleno dia. Mesmo assim, o que está a céu aberto tem outro brilho: como o historial é sempre mais lívido que o

presente ou a sua memória. Aquela incompletude e aquela celeridade nem sempre permitem que se defenda, ainda mais que se conteste, que Tácito se perdeu vez e vez. Atormenta como um desacorde não dissolvido, que ele tenha se distanciado do Senado antes que a resolução sobre a violência de Tibério pusesse um fim à tortura: e as campanhas de Germânico, sem qualquer medida de local e tempo, pairam como um sonho passado. No geral, o que com alguma razão foi nele repreendido tange esses livros: justamente aqueles ao quais os copiadorese se apegavam. As Histórias, e os escritos isolados, poderiam se defender contra toda crítica.

Os seis livros a partir do décimo-primeiro são, em essência, livres daqueles defeitos, mas também de um caráter analista muito mais indefinido: se eu puder seguir com aquela comparação: já nasceu a manhã, e fica mais e mais claro; então aquilo que intuitivamente se anexaria ao historial terá sido na verdade igualado a ele. Os livros perdidos, entre as duas partes que chegaram a nós, desenhavam sem dúvida uma transição conduzida por mão firme.

Agora, como a narrativa se desdobrou inevitavelmente cada vez mais livre em direção às Histórias, fica totalmente claro se se intitula o primeiro livro das Histórias como também o XVII. dos Anais. Significa pouco que os manuscritos tenham isso, já que, segundo Lipsius, parece estar presente em um arranjo de organizadores (*secundum quosdam*); no caso, de um magistrado no século XIV, quando a filologia estava de todo na sua menoridade. Seria de se supor, muito antes, que os Anais continham 20 livros completos: mais que quatro não são demais para o tempo que falta até o início das Histórias. O que levou muitos a insistir naquele título incorreto; Querengo, que cita Fabricius, começou a permitir, algo mais refletidamente, que as Histórias começassem com o 18. livro dos Anais; é a famosa posição de São Jerônimo, que afirmava ser 30 o número de livros da morte de Augusto até Nerva. Mas Lipsius e Bayle já tornaram claro que as Histórias tinham de conter muito mais livros do que lhe permitiria a parte dos Anais; esse último estava muito próximo de uma intuição [*Divination*<sup>5</sup>] que eu tomo por certa. É de se supor que as Histórias

---

<sup>5</sup> N. do T.: '*Divination*' é um conceito utilizado por Niebuhr para se referir a uma inspiração, uma intuição original por parte do historiador, que possibilitaria a reconstrução do passado. Equiparável

continham trinta livros, e Jerônimo afirmou corretamente esse número, mas aplicou-o erradamente, por um descuido muito comum, a saber, a ambas as obras.

Eu fecho essas observações com a pergunta, se o título dos livros livianos: *historiarum ab urbe condita*, é baseado em bons manuscritos? os gramáticos, Diomedes como Prisciano, citam sempre *Livius ab urbe condita libro* – e a partir disso deve-se supor que o escritor historiático não tinha adicionado mais nada; talvez para que não se intitulasse a sua obra nem *annales* nem *historias*: contudo, como o título soava muito estranho, assim se teria emendado.

---

ao tom literal do ‘*afflatus*’ ciceroniano do *De natura Deo*, como alternativa ao termo ‘*inspiratio*’, que já havia se tornado metafórico.